

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: U Globo Class.: Fulni-ô 65
 Data: 23/01/94 Pg.: 11

Os índios fulni-ôs pedem socorro

Além da seca e da fome, a morte lenta da cultura

LETÍCIA LINS

ÁGUAS BELAS (PE) — Os índios fulni-ôs vivem em contato permanente com os brancos, alguns trabalham em repartições públicas e têm até um conjunto de rock, curiosamente formado por filhos e sobrinhos do cacique. Mas eles se orgulham de conservar suas tradições e de ser a única tribo do Nordeste a preservar integralmente o idioma, em função do qual já chegaram a elaborar uma cartilha bilingue. No entanto, encontram-se em dificuldades para assegurar a sobrevivência e até mesmo a própria identidade.

Eles vivem em uma área de 11.505 hectares, no município de Aguas Belas, a 314 quilômetros do Recife. A reserva não é cortada por rios e, há três anos, a seca não só arrasou com as colheiras de milho, feijão e mandioca, como impediu novos plantios. Restou a produção de artesanato.

Um grupo de fulniôs resolveu ganhar a vida com um conjunto de rock batizado de Shumai-á (vento), que anima festas nos municípios do sertão. Alguns dos mais velhos que trabalharam como lavradores recebem aposentadoria, que é dividida com filhos e netos. Outros são funcionários da Funai.

— O clamor é geral. Aqui falta tudo, até mesmo o principal, que é a água — queixa-se Francisco de Souza Araújo.

Os índios, que ainda mantêm cânticos e danças como o toré, participam de um ritual secreto e sagrado (Ouricuri), e só se comunicam entre si através do yathée. Hoje, eles temem pelo futuro do seu povo e até de



A aldeia 'fantasma' uma vez por ano abriga um ritual secreto



Os índios roqueiros do grupo Shumai-á fazem turnês sertanejas



Uma família fulni-ô: patrimônio é a língua

sua língua. É que a aldeia tem sete escolas convencionais com aulas em português, cujos professores são pagos pela Funai. Já a única escola bilingue do lugar está abandonada. O prédio foi invadido por pardais, o telhado está caindo, não tem professores, em alunos, apesar de a tribo contar com uma alfabetizadora que já preparou 20 monitores para repassar ensinamentos em yathée para as crianças.

— Os índios, como todos os nordestinos do sertão, têm na merenda a primeira motivação para irem à escola. No caso da escola bilingue, como podem ir à aula, se estão com fome? Eles preferem as escolas convencionais porque, pelo menos, têm a

comida como garantia — reclamou ontem a professora Marlina Araújo dos Santos, a Wadja, que criou a cartilha bilingue e o método de alfabetização em yathée.

— As aulas em português têm completa prioridade, quando a importância deveria ser a mesma para as duas línguas — reclamou Wadja.

A Funai informou ontem que a escola bilingue está fechada para reavaliação. As 24 outras tribos existentes no Nordeste preservam apenas algumas palavras do vocabulário dos idiomas de cada nação indígena.

A seis quilômetros da sede da reserva fulni-ô fica uma aldeia sagrada, que nessa época do ano até mais parece um vi-

larejo fantasma. As portas de suas 700 casas são rigorosamente fechadas, e todas desabitadas. Não há ninguém andando no pátio, e o único barulho se limita ao canto dos pássaros. A aldeia só tem vida uma vez por ano, quando todos os fulni-ôs se mudam para lá, num ritual secreto, que acontece entre setembro e novembro.

É o "Ouricuri", ao qual nenhum branco até hoje teve acesso. Os fulni-ôs ficam separados por sexo, em dois grupos diferentes, e não saem da aldeia sagrada. Nessa época, entram em contato profundo com a natureza, imitam vozes de animais e árvores, e repassam os conhecimentos antigos da tribo para os mais jovens.

Fotos Pedro Luiz